

JOÃO EDUARDO HIDALGO

Corpo e alma do Oscar de 2018

O INTERESSANTE DA PREMIAÇÃO É CONTEMPLAR AS PRODUÇÕES QUE ESTÃO SENDO LEVADAS A CABO PELO MUNDO

A versão de número 90 do Oscar, em 2018, ocorreu sem os enganos do ano anterior e premiou os candidatos esperados. O melhor filme e diretor para *A forma da Água* era quase uma certeza. Gary Oldman como Churchill em *O destino de uma nação* fez um trabalho excepcional, competente também foi a atuação de Frances McDormand em *Três anúncios para um crime*, mas neste caso ela teve um elenco de apoio que contribuiu muito para o resultado.

O interessante da premiação é contemplar as produções que estão sendo levadas a cabo pelo mundo, na premiação de melhor filme estrangeiro. Os cinco concorrentes eram bas-

O Chile possui uma população bastante instruída, cosmopolita e mais evoluída do que aparece na obra. E na história do cinema já temos filmes como *Traídos pelo desejo*, dirigido por Neil Jordan, em 1992, um imenso sucesso, que tem um casal central parecido, nada de novo 25 anos depois.

O melhor filme da categoria era *Corpo e Alma*, da Hungria. Dirigido pela cineasta Ildikó Enyedi, conta a história de Mária (Alexandra Borbély), inspetora de saúde, e Endre, (Géza Morcsányi) administrador de um matadouro de bovinos em Budapeste. O enredo começa de uma maneira banal, com um cenário de um campo nevado, onde um cervo macho pasta e começa uma tentativa de acercar-se a uma fêmea. Aparentemente sem nenhuma ligação com as cenas seguintes, da vida cotidiana em um abatedouro, onde os animais são enfileirados para serem sacrificados, cenas tensas para a plateia, mas que não chegam a abusar da violência do ato em si, que fica explicitado, mas não é mostrado. Endre leva a sua vida normalmente e costuma comer com um colega, Jenó, que fala de como se deve tratar com firmeza as mulheres, mas é submisso com a sua, que o encarrega diariamente de fazer compras e buscar a filha na escola. Num determinado dia nota que o matadouro tem uma nova inspetora de saúde, tenta uma aproximação brusca e ouve dela que ele escolheu purê de batata, pois com um braço paralisado é mais fácil comer esse prato. Devemos lembrar que animais doentes ou com

tante diferentes – na sua realização e repercussão. O ganhador da categoria, *Uma mulher fantástica*, representando o prolífico cinema chileno, dirigido por Sebastián Lelio e estrelado pela transexual Daniela Vega era, na minha opinião, um dos mais fracos. O conflito de um casal, onde um divorciado escolhe viver seu novo amor com um transexual, tem um roteiro banal, estereotipado e previsível em seu desfecho. Sem falar que tirando a trans Mariana, que é um personagem bem construído, os outros personagens são tão caricatos e maldosos que é difícil acreditar na história.



Cena do filme *Forma da água*

má-formação são rejeitados pelas fêmeas na natureza. Em contraste com o sangue e a cor dos animais do frigorífico, a comida é branca ou amarela e não parece ter nenhum atrativo para os personagens, que a comem sem nenhum interesse. O roteiro é tão imprevisível e inovador que não pode ser adivinhado, nem com muitas tentativas. As cenas com o casal de cervos continuam, sem ligação com o resto do filme, e vão causando um estranhamento pela falta de continuidade, mas com o roubo de um produto químico do abatedouro, um estimulante sexual, uma psicóloga é contratada para investigar os funcionários e acaba descobrindo que Mária e Endre descrevem o mesmo sonho. Eles são cervos que procuram comida na floresta, e sonham todas as noites a mesma coisa, como uma seqüência. A psicóloga acha que os dois estão pregando uma peça nela, mas acaba colocando em contato mais íntimo os dois personagens, que tentam entender o que está acontecendo com eles. A princípio testam ficar no mesmo quarto, mas não conseguem dormir, e muito menos sonhar. Mária mostra uma inabilidade social

acentuada, ela não tem amigos, tem dificuldade em se aproximar das pessoas e é maníaca por limpeza. Endre já foi casado e fora o braço paralisado é um homem social, que inclusive mantém uma modesta vida sexual. Interessada em ser mais feminina Mária pergunta para a descolada faxineira Zsóka (Ítala Bekes) como ser mais feminina e recebe dicas de como se vestir e uma aula de como andar – uma cena impagável com esta experiente e nonagenária atriz, que com esta seqüência minúscula chama atenção para a sua interpretação no filme. Endre e Mária começam um jogo de permitir e não permitir, aproximar-se e distanciar-se, que acaba levando Mária a um ato extremo, a tentativa de suicídio, que se aproxima do sacrifício dos animais no abatedouro. Neste panorama tudo é possível, mas o aspecto poético acaba predominando. De longe era o melhor filme entre os indicados, mas também é um filme difícil e que só se revela para quem se esforça em enfrentá-lo. Como curiosidade lembro que o tema central de *Corpo e Alma* lembra um livro que foi campeão de vendas no final da década de 1980, *O dicionário Ka-*



Cena do filme *Corpo e Alma*

zar, do escritor iugoslavo (na época) Milorad Pávitch (1929-2009). Ele conta a história do povo Kazar, que tem a habilidade de viver no sonho dos outros e que pode, depois da morte de seu corpo físico, viver neles para sempre. O livro baseia-se em lendas que circulam na Europa Oriental e que parecem ter deixado pegadas neste filme. A Hungria ganhou recen-

namorada que já está grávida. Eles só têm diálogos para falar sobre a venda do apartamento onde vivem e da divisão do dinheiro, o filho será colocado num abrigo, já que não há lugar para ele na vida de nenhum dos dois. Vejo o filme como uma dura crítica à inabilidade de uma geração, que de repente teve acesso aos bens de consumo, comuns no Ocidente, e agora vive ensimesmada pensando em seus celulares, depilações, jantares românticos, compras e esquece os valores fundamentais. O filho, que é ignorado pelos dois, inclusive quando estão falando aos berros do destino miserável que vão dar para ele, desaparece e quebra esta sucessão de superficialidade e confronta o casal com sua responsabilidade de pais, de um desaparecido – um pesadelo merecido. Os dois personagens, o marido e a mulher, são tão fúteis que o espectador desenvolve uma rejeição monumental para com os dois e se solidariza com o filho, que aparece em duas cenas que não duram mais de trinta segundos cada uma, mas que é o personagem dominante da narrativa. Um filme triste, duro, mas bastante representativo da sociedade contemporânea da Rússia.

temente o Oscar de melhor filme estrangeiro em 2016, com *O filho de Saul* e, acredito que por isto, afastou a possibilidade desta obra ser considerada como merecia.

O representante russo *Loveless: sem amor* era outro forte candidato. Nele um casal jovem enfrenta o final da sua relação, já envolvidos com novos parceiros; a mulher tem um namorado mais velho e rico e o homem uma

EM HOLLYWOOD OS GRANDES DIRETORES CONTINUAM A REALIZAR FILMES DE ALTO ORÇAMENTO E COM CENÁRIOS, FIGURINOS, ELENÇOS GIGANTESCOS E MUITO BEM PREPARADOS, E QUE SÃO BOA OPÇÃO DE ENTRETENIMENTO



Cena do filme *O insulto*

O insulto, filme libanês, tem como enredo trivial-variado sobre os enfrentamentos étnicos no Oriente Médio. Um libanês católico entra em conflito com um palestino por causa de uma calha que joga a água diretamente na rua, em cima dos transeuntes. O palestino é engenheiro e tenta concertar a calha, mas o libanês a destrói a marteladas e é chamado de idiota pelo primeiro. O filme mostra o desenrolar surreal que um episódio insignificante tem, quando envolve povos que têm tantas tragédias na história, dos dois lados. Mas mostra o ódio pelo ódio e uma falsa aceitação no final, que soa hipócrita. Não acrescenta nada na longa lista de filmes que tratam dos conflitos na região, é convencional demais dentro da tragédia cotidiana que quer representar.

Finalmente *The Square: a arte da discórdia*, representante da Suécia, trata de um assunto para iniciados, o que é arte dentro de nosso período contemporâneo. O filme mostra bem o tipo de preocupação que uma sociedade desenvolvida pode ter, que nem de longe sensibiliza a maioria dos habitantes do planeta. Questões como aceitar Jeff Koons e Demian Hirst como artistas ou prestidigitadores, e

considerar a cama que um artista tira de sua casa e coloca no museu e transforma em obra de arte, tocam aos interessados em um ramo muito específico da cultura. O filme é muito crítico e ri de si mesmo, mas não propõe nada, e nem deveria já que um movimento artístico deve ser avaliado depois de terminado e com distanciamento. Quem se lembra do artístico e meticuloso filme *La Sapienza* de 2014, dirigido por Eugène Gree, que também trata de um período da arte, o barroco, utilizando seus preceitos no roteiro, como faz *The Square*? Os dois são candidatos a filmes Cult, que circulam dentro de um grupo muito restrito.

Em Hollywood os grandes diretores continuam a realizar filmes de alto orçamento e com cenários, figurinos, elencos gigantescos e muito bem preparados, e que são boa opção de entretenimento. Mas é bom que existam filmes pontuais, com baixo orçamento, boas ideias e elenco exemplar, como *Corpo e alma* e *Loveless*, que inovam no roteiro, na narrativa, na construção de personagens e na escolha de temas, que muito eventualmente vão interessar ao rol de assuntos da grande indústria cinematográfica.^{uc}



João Eduardo Hidalgo é doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo e pela Universidad Complutense de Madrid, professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação UNESP, Câmpus de Bauru.